

A síntese noticiosa 75 anos depois de O Repórter Esso: um modelo que permanece¹

Luciano KLÖCKNER²

Leandro OLEGÁRIO³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER)

Resumo

Noticioso sintético com edições frequentes na programação das emissoras, a síntese noticiosa teve origem nos anos 30 do século passado e, em 2016, completa 75 anos de Brasil, onde estreou na Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1941, com o Repórter Esso. Além de apresentar uma visão histórica do noticioso, mostrando que as principais emissoras informativas do País permanecem investindo no modelo, a proposta deste artigo é levantar questões sobre a validade desse formato em tempos atuais, onde as informações imediatas chegam por aplicativos aos telefones celulares dos mais de 200 milhões de brasileiros.

Palavras-chave: radiojornalismo; síntese noticiosa; Repórter Esso; critérios de edição.

1. Contexto sócio-histórico

Sessenta emissoras retransmitiram, por cerca de 30 anos, um dos maiores sucessos da radiofonia mundial: *O Repórter Esso*. O radiojornal da Standard Oil of New Jersey – mais tarde tipificado como síntese noticiosa – acompanhou, conforme os seus slogans brasileiros (Testemunha Ocular da História e O Primeiro a dar as Últimas), – os principais fatos, ocorridos no planeta, no século XX, em especial, dos anos 30 até o início dos anos 70. Milhares de edições foram ao ar em 15 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela), com repercussão em outras nações, através das ondas curtas (*short waves*) das emissoras irradiantes.

No Brasil e em outros países da América Latina, o noticioso chegou a reboque da Política da Boa Vizinhança (*Good Neighbor Policy*), demonstrando a preocupação dos Estados Unidos, com a possibilidade dos países latino-americanos apoiarem o nazifascismo, durante a Segunda Guerra Mundial. Depois do conflito bélico, a síntese de cinco minutos, que se ocupava, praticamente, só de notícias internacionais, produzidas pela UP, abre espaço para informações locais. O desgaste político e o desinteresse da Esso excluíram o

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pelo PPGCOM-PUCRS, pesquisador e professor do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, e-mail: luciano.klockner@puers.br.

³ Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM-PUCRS, professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis - UNIRITTER, e-mail: leandro_olegario@uniritter.edu.br

noticioso das programações jornalísticas brasileiras: primeiro, do rádio, em 1968, e, a posteriori, na televisão, em 1970. Logo, a tendência seria imitada pelos demais países latino-americanos e *El Repórter Esso*, também, sairia do ar.

O formato surgiu nos anos 30. As empresas de jornais impressos, temendo a concorrência com o rádio, formalizaram um acordo permitindo a transmissão de noticiosos sumários. É a partir deste cenário que surge a síntese noticiosa. O Repórter Esso iniciou nos Estados Unidos em 1935. No Brasil, a Rádio Nacional⁴ do Rio de Janeiro transmitiu a primeira edição de O Repórter Esso às 12h55min do dia 28 de agosto de 1941. O patrocínio era da Standard Oil of New Jersey, produção da United Press Associations (em 1958 passa denominar-se United Press International) e supervisão da McCann-Erickson Corporation, todas empresas estadunidenses.

Por ter apenas cinco minutos, O Repórter Esso desenvolveu uma nova linguagem e estilo de apresentação da notícia no rádio. Além de a informação ser de interesse, importância, atualidade, veracidade, oportunidade, relevância, entre outros aspectos, a notícia deveria ser vista em cada detalhe, desde a confecção até a sua leitura. Foi implantado um noticiário pontual, objetivo, com frases diretas e curtas, criando uma atmosfera de credibilidade com uma locução vibrante. Com ele, houve o desenvolvimento de uma linguagem particular para o rádio, que antes praticamente reproduzia as notícias do jornal impresso.

O Repórter Esso começava e terminava pontualmente. Para isso, as vinhetas inicial e final duravam juntas 30 segundos, outros 30 segundos eram destinados ao comercial e quatro minutos para as notícias. Os cinco minutos equivaliam aproximadamente a 70 linhas ou duas a três folhas de ofício datilografadas. Em média, 13 notícias eram selecionadas, colocadas em ordem, adaptadas à linguagem radiofônica e redigidas conforme as regras do *Manual Radionoticioso de la United Press em América Latina*. O manual estipulava que os editores e redatores de rádio tomassem conhecimento da notícia não apenas pelo interesse, mas também, pela atratividade e sonoridade. O boletim fechado deve sugerir um equilíbrio na distribuição das notícias, isto é, um pouco de informações locais e de internacionais, além de estimular temas de interesse humano, de esportes, de cultura.

A fama de O Repórter Esso perdurou até o seu término, mas as melhores décadas foram, conforme comprovam as aferições, as de 40 e de 50. Na época do conflito mundial,

⁴ Na Rádio Nacional, os primeiros locutores do Repórter Esso foram Romeu Fernandes, Rubens Amaral e Celso Guimarães, mas quem se consagrou como a voz do noticiário foi Heron Domingues, que chegou à emissora em 1944. À época, foi composta uma fanfarra pelo maestro Carioca e por Haroldo Barbosa, que abria e encerra o noticiário.

o noticioso chegou ao ápice da audiência⁵, segundo as medições realizadas pelos institutos de pesquisa. No entanto a grande popularidade que a síntese noticiosa desfrutava junto aos ouvintes motivou a sua permanência no ar, a partir de então, com a montagem de uma redação na Rádio Nacional⁶ para captar notícias locais. Considerada muito avançada à época, mesmo assim foi implantada e deu novo vigor ao Repórter Esso.

Também as edições extraordinárias, aquelas não previstas e transmitidas durante a guerra, conferiram ao noticiário ainda mais credibilidade. Nos áureos tempos, quando o ouvinte escutava a característica fora do horário habitual tinha certeza de que a notícia extraordinária era muito importante para os destinos do País e do mundo (ORTRIWANO, 1985, p. 96). Do mesmo modo, a pontualidade destacava o noticiário na grade radiofônica quando não havia horários rígidos de início e término dos programas.

Um aspecto interessante diz respeito a transnacionalização do noticioso. Na época, o mundo estava sendo interligado pelas agências de notícias numa arena global, através de cabos submarinos e pelo espectro eletromagnético. As rotas de comunicação sempre seguiram o poder político e econômico. Assim, ocorreu, também, com O Repórter Esso, patrocinado pela Standard Oil, um dos maiores conglomerados dos Estados Unidos, com braços de prospecção, distribuição e produção de derivados de petróleo espalhados por todo o globo. Além disso, as notícias do Repórter Esso circulavam numa arena global, pois o material produzido pela agência de notícias UP era distribuído em todos os continentes.

Por esses aspectos, O Repórter Esso apresentou um simbolismo particular por representar um grande conglomerado internacional, constituindo-se na primeira forma de globalização de um noticioso de rádio. Trouxe interesses empresariais inerentes a sua própria existência e, em particular, durante a Segunda Guerra Mundial, carregou consigo, além da ideologia empresarial, a ideologia e a cultura de um estado-nação, no caso dos Estados Unidos da América do Norte. Em vista disso, coube ao noticiário contribuir na difusão tanto do estilo de vida americano, o *american way of life*, como da cultura capitalista, sendo considerado um ponta-de-lança na americanização do Brasil.

A Globalização estava presente não só nos meios de difusão, pois a maioria das notícias provinha dos Estados Unidos, mas com a própria estrutura do noticioso, definido

⁵ De 1943 a 1955, os levantamentos do IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa – somente mediam as unidades em 15 minutos. Mesmo assim, os módulos onde *O Repórter Esso* estava incluído apresentavam índices 25% mais altos do que as unidades anteriores e posteriores. Esses percentuais chegaram ao auge, no primeiro semestre de 1945, alcançando em torno de 50% e começaram a cair no pós-guerra.

⁶ A primeira redação de notícias de uma rádio, conforme o locutor substituto de O Repórter Esso, José Maria Manzo e titular de O Globo no Ar, foi criada na rádio Globo, justamente para combater o concorrente em 1947, enquanto a Nacional teria feito isso em 1948.

por um *Manual*⁷ como em todos os países onde o Esso era irradiado. O controle era quase completo, pois a United Press, na origem, definia qual a “informação” passível de ser divulgada, enquanto a autocensura dos produtores e editores se encarregava de bloquear as notícias de caráter “duvidoso”.

2. Fases do noticiário: Segunda Guerra, luta contra o comunismo e monopólio na exploração do petróleo

A fase inicial do noticiário se estende de 1941 até os anos 50, com a cobertura dos grandes conflitos mundiais (Segunda Guerra, Guerra da Coréia, Guerra Fria, Capitalismo X Comunismo e Corrida Espacial). O noticioso, além de ter o papel informativo, servia também de apoio ao governo norte-americano para consolidar seus interesses políticos e estratégicos, especialmente nas questões de guerra e do petróleo. Percebe-se então, que mesmo tentando a imparcialidade, a notícia não estava imune às pressões políticas e de propaganda. Há pelo menos dois momentos marcados pela influência dos Estados Unidos no país. O primeiro relacionado à posição do governo brasileiro perante a Segunda Guerra Mundial, no qual os americanos exigiam o apoio aos Aliados em detrimento dos países do Eixo. O segundo está voltado à campanha de nacionalização do petróleo brasileiro. Esta influência pode ser comprovada pelo relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que constatou as cinco empresas estrangeiras (Esso, Shell, Atlantic, Gulf e Texas) detinham 99% do mercado de distribuição de combustíveis, por isso faziam a distribuição de verbas publicitárias em veículos de comunicação para se posicionarem contra a nacionalização do petróleo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, houve várias batalhas no campo dos veículos de comunicação. Os jornais se adaptam à presença do rádio e, depois de 1945, as mudanças são inevitáveis, com uma sistematização interna e externa das redações, os textos diminuem e o lide é adotado como primeiro parágrafo.

A importância do estilo no jornalismo corresponde às transformações culturais do pós-guerra. Antes de 1945, vários jornais americanos e europeus introduzem regras de linguagem em suas redações, mas é a partir das mudanças políticas, econômicas e sociais desse período que a prática

⁷ O noticioso tinha normas de redação rígidas, intituladas *Manual de Produção do Repórter Esso*, destacando o caráter imparcial e neutro na redação dos textos. O controle sobre o noticiário era quase completo. A United Press selecionava as informações e a McCann-Erickson atuava na criação, evolução e supervisão. Só detinham direito à fala as autoridades legalmente constituídas, pois “a notícia estava na fonte oficial”. O manual revelava extrema preocupação com a seleção das informações, a forma da notícia e com a edição que deveria ter exatos cinco minutos.

se generaliza. Isso coincide com maiores exigências dos leitores, com a expansão do rádio e o aparecimento de novas tecnologias nos setores básicos da produção industrial. (BAHIA, 1990b, p. 77 e 86)

Até 1950, a alma do rádio era o ecletismo e a variedade de programas (GOLDFEDER, 1980, p. 42 e 43). Era comum até os anos 60, especialmente no rádio e depois na TV, associar os nomes dos programas aos de empresas nacionais e estrangeiras. No jornal, isso não era possível. Nesses, a publicidade se limitava às páginas internas, reduzindo, de forma aparente, a influência direta no conteúdo da informação. Os norte-americanos foram os que melhor souberam explorar esta tendência.

Uma das preocupações seguintes era a de oferecer programas jornalísticos, transmitidos pelas emissoras locais. Em 1939, a Esso patrocinava, na Rádio Nacional, o programa radiofônico *Variiedades Esso* e, em 1940, a narração de jogos de futebol, denominados, na época, de *matches*. Com tão fortes predicados, o patrocinador e os produtores do Repórter Esso não tiveram dúvida ao escolher a Rádio Nacional para a transmissão do noticioso. Além de grandes astros e estrelas da música e do teatro, a emissora detinha, também, o melhor quadro de locutores do País, entre eles, Rubens Amaral, Celso Guimarães, Romeu Fernandes, Saint-Clair Lopes e Heron Domingues, que seria contratado mais tarde pela emissora, mas ficaria famoso ao ler de forma exclusiva o Repórter Esso⁸.

Até 1945, os textos se restringem à guerra (ataque dos japoneses a Pearl Harbor e a rendição da Alemanha, da Itália e do Japão). Os discursos, com muitos adjetivos, valorizavam o feito das tropas aliadas (inclusive da Força Expedicionária Brasileira), a Política de Boa Vizinhança e preconizam a união definitiva das Américas contra os agressores mundiais. Também o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki confere um certo tom de mistério a essa *nova e poderosa arma*, capaz de *varrer* cidades do mapa-múndi.

No Pós-Guerra (fim de 1945 até 1950), os assuntos do noticioso versam sobre a queda dos ditadores e o restabelecimento da democracia (renúncia de Getúlio Vargas), a

⁸ Entre as notícias que receberam destaque nos Anos 40: a internalização de 16 navios do Eixo, que estavam em portos brasileiros em 28 de agosto de 1941 (1ª edição de O Repórter Esso), o ataque de aviões japoneses à base norte-americana de Pearl Harbor, em sete de dezembro de 1941; a declaração de guerra do governo brasileiro aos países do eixo em 22 de agosto de 1942; o envio da Força Expedicionária Brasileira à Itália em 1943; o desembarque das forças aliadas na costa normanda da França em seis de junho de 1944; a conquista da fortaleza nazista de Monte Castelo pela FEB em 21 de fevereiro de 1945, a rendição da Alemanha em nove de maio; o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, respectivamente, em seis e nove de agosto de 1945, a rendição do Japão em 14 de agosto de 1945, a renúncia do presidente brasileiro Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945, a divulgação dos resultados da eleição para a Presidência da República a partir de dois de dezembro de 1945 e o início da Guerra Fria.

criação de Israel e a possibilidade de os Estados Unidos terem feito conchavos com ditadores da América Latina. Com a Guerra Fria, o Comunismo e o Capitalismo passam a frequentar os discursos, sempre em tom de desafio ou de denúncia (Perón acusa os consórcios capitalistas internacionais de atentarem contra a vida dele e da esposa).

3. Novo mapa-múndi: capitalistas e comunistas

Em meio à reorganização geográfica do mundo do Pós-Guerra, a Política Internacional ocupa boa parte das notícias, preconizando a defesa conjunta e ajuda mútua dos países americanos (Tratado do Rio de Janeiro, 1947). Até mesmo o Papa Pio XII se manifesta, falando em francês, que “o mundo se encontra ante uma verdadeira encruzilhada e que 1948 será um ano de graves resoluções”. Mais uma vez a Globalização se apresenta, através dos meios de produção, pela forma e pelo conteúdo, apresentados nas notícias do Esso. Os anos 40 se encerram com as perspectivas democráticas reinantes no mundo e, especialmente, nos Estados Unidos, preparando tempos modernos para a década de 50. Porém uma nova guerra se inicia e as tendências entre as duas nações-polo do mundo ficam acirradas. Qualquer tema em discussão no planeta recebe diferentes versões e interpretações, aparecendo com maior nitidez a intenção de controlar as fontes de energia, em especial, das jazidas de petróleo, espalhadas pelos diferentes continentes.

Ainda em 1957, o Esso esteve envolvido com um Comissão Parlamentar de Inquérito do Congresso (CPI), instaurada para investigar manobras da Standard Oil e da Shell contra a nacionalização da exploração do petróleo. A campanha contra a criação da Petrobras comprometeu de tal forma a imagem da companhia estadunidense que, para recuperar o seu conceito, a empresa criaria em 1955 o Prêmio Esso de Jornalismo (CASSOL, 1997).

Um episódio que ficou inscrito na história do noticioso e da própria imprensa radiofônica brasileira ocorreu no dia 1º de abril de 1964, quando se instaurava o Golpe civil-militar. Pela primeira vez, o Repórter Esso foi impedido de ir ao ar, das cinco edições programadas, a primeira foi censurada. O noticioso passava por uma rigorosa avaliação e revisão por parte da agência de notícias e de publicidade, para assim evitar qualquer problema com o governo. Mesmo tendo o cuidado na transmissão das informações, o Repórter Esso não pôde divulgar as notícias. Naquele dia estavam programadas cinco edições, porém a primeira, das 8h foi a única a ser censurada. Por fim, em 31 de dezembro de 1968, o Repórter Esso, na voz de Roberto Figueiredo, encerrava suas transmissões.

4. A edição das sínteses noticiosas do tipo “O Repórter Esso” pelo País

Quase todas as emissoras do Brasil, sejam ou não informativas, conforme conceito de MEDITSCH (2001), tem boletins que seguem em todo ou parte a estrutura de O Repórter Esso. Podemos destacar, a título de exemplo, os noticiários O Globo no Ar (Rádio Globo/RJ), Repórter CBN (Rádio CBN/RJ-SP), Nacional Informa (Rádio Nacional/DF-RJ-AM), Repórter Itatiaia (Rádio Itatiaia/MG), Correspondente Guaíba-Badesul (Rádio Guaíba/RS) e Correspondente Ipiranga (Rádio Gaúcha/RS).

Em alguns noticiários, como o Correspondente Ipiranga – Rede Gaúcha SAT, da Rádio Gaúcha de Porto Alegre/RS, de 10 minutos, o tipo de edição não se restringe mais exclusivamente à similaridade de assunto, aproximando-se dos radiojornais e das radorrevistas, com a edição em fluxo de informação, mixando a seleção de notícias por blocos. A separação nos dois únicos blocos de notícias (inicial e final) deixa de existir. No caso do noticiário citado (o Correspondente Ipiranga), que foi ao ar pela primeira vez neste novo formato em 3/1/2005, a tradicional manchete única foi substituída por três destaques com o acréscimo de mais um bloco. Cada um dos três blocos apresenta autonomia de fluxo editorial (ordem crescente e decrescente de importância), sendo inseridas, em algumas notícias, as falas de entrevistado (s) com, no máximo, 15 a 20 segundos, conferindo autenticidade à matéria. A novidade é que um jornalista passa a narrar os fatos, ao invés do locutor-radialista, e vozes femininas leem o boletim meteorológico e o comercial. Entre os blocos, há chamadas para a notícia e/ou notícias principais que preencherão o módulo seguinte.

Outro exemplo de mudança é o da rádio Guaíba. Em março de 2014, o locutor principal Milton Jung, que desde 1964 esteve à frente da apresentação da síntese noticiosa da emissora, sendo à época o locutor mais antigo na mesma atividade no radiojornalismo brasileiro, não mais passou a desempenhar essa função. Poucos meses depois, em setembro, o noticioso renovou a trilha musical e incluiu vozes femininas na leitura das notícias. Em 2015, passou a contar com dois apresentadores no Correspondente Guaíba-Badesul, além da inserção de boletins com informações do trânsito e da previsão tempo.

A seleção das notícias nas sínteses noticiosas⁹ começa por apontar os assuntos fundamentais da edição (fato mais importante do dia, repercussões, pautas exclusivas,

⁹ A origem da síntese noticiosa está ligada a O Repórter Esso, que serviu de modelo a um tipo de classificação: a do repórter, definido como “informações sobre diversos fatos, de âmbito local, nacional e estrangeiro, transmitidas, em horários certos, e cuja emissão global, incluindo o comercial da firma patrocinadora, não ultrapassa cinco minutos”.

observações, etc.) e os secundários, sob a forma de *Plano de Edição (Mapa)*. A edição em boletins noticiosos (agrupamento de notícias) é organizada em ordem crescente e/ou decrescente de importância, conforme a singularidade de cada noticiário e de cada emissora. O processo de edição das sínteses está baseado na junção de notícias, aproximadas, normalmente, pela similaridade de assunto.

De início, o fato para ser incluído na síntese deveria se revestir de interesse, importância, atualidade, veracidade, oportunidade, relevância, entre outros requisitos (BAHIA, 1990, p. 36). Ao lado disso, conta ainda com a definição do público da emissora, da filosofia da organização e das normas editoriais de cada empresa. O *Manual Radionoticioso de la United Press en America Latina* (COPELAND, 1944, p. 20), precursor dos demais manuais de O Repórter Esso, preconizava que “os editores e redatores de notícias de rádio devem pesar constantemente a importância de cada acontecimento, seu interesse, seu atrativo e ouvi-lo, tal como será transmitido no serviço diário irradiado”.

O manual consagra um capítulo ao Repórter Esso, classificado nos anos 40 como um boletim fechado de notícias, “cujo estilo é o de citar o ponto de procedência da notícia (local), seguido pelo relato resumido do acontecimento”. A publicação lembra um estudo, da época, relatando que as pessoas não se prendiam muito a uma informação muito longa e preferiam saber o essencial de várias notícias. Em cada edição de O Repórter Esso, de cinco minutos, o locutor deveria ler 600 palavras, permitindo umas 12 notícias de 50 palavras cada uma.

As noções de edição sugeriam equilíbrio na distribuição das notícias, especialmente em relação às informações locais e estrangeiras. Paralelamente, estimulavam a inclusão de temas de interesse humano, de esportes, de cultura (cinema), etc. Indicava ainda ser importante abrir o boletim com uma notícia urgente, mas detalhando-a, depois, no final da edição. O ritmo de leitura e de inserção de cada notícia estava contemplado nas orientações, que serviam e servem de base até hoje para noticiosos semelhantes no rádio, na televisão e na internet. Por analogia, compara-se à edição de uma síntese por similaridade a um jogo de cartas, em que é importante montar pares, trincas, com fatos que estabeleçam conexão e possam ser melhor compreendidos pelo ouvinte. As manchetes e destaques têm o objetivo de causar impacto, atrair a audiência para o noticiário. O fundamental, porém, é manter a expectativa até o final do noticiário, o que é feito organizando as notícias meticulosamente

(LIMA, 1970). Posteriormente, é que os noticiosos sintéticos, entre cinco e 10 minutos, foram considerados sínteses, denominação usada atualmente.

em ordem crescente de importância. Alguns profissionais aconselham que haja uma sintonia finíssima entre quem vai escrever e quem vai narrar a edição, no sentido de deixar o texto e a locução vibrantes. Ao editor, cabe o domínio do ato de seleção de notícias, pautado pela ética e pela técnica. Alguns critérios de edição extraídos da área profissional podem ser assim resumidos: a) Político, expresso pela filosofia do veículo: Linha editorial, Código de ética, Público da emissora (A,B,C,D) e o Perfil da emissora; b) Técnico, inerente ao próprio editor: 1) Estar atualizado, 2) Planejar, fazer um mapa ou plano de edição (assuntos mais importantes que não podem ficar de fora da edição e outros que merecem continuidade de tratamento), 3) Sugerir e exigir o cumprimento de pautas, 4) Promover a atualização periódica de informações dentro das notícias; 5) Lembrar sempre que a notícia mais importante é a que tiver maior abrangência de público.

Quadro 01 - Esquema básico da edição de síntese noticiosa, contendo o modo tradicional de estrutura, o novo, a função, a procedência ou zona geográficas (local, estadual, etc.), as editorias/assuntos e o ordenamento das notícias (ordem crescente e decrescente de importância por similaridade de assuntos).

MODO TRADICIONAL	NOVO MODO	FUNÇÃO	PROCEDÊNCIA ZONAS GEOGRÁFICAS	EDITORIAS/ ASSUNTOS	ORDENAMENTO SIMILARIDADE DE ASSUNTOS
Característica no início e no fim do noticiário.	Característica no início e no encerramento, mas há uma cortina de sustentação durante todo o noticiário.	Atrair o ouvinte			
MANCHETE/ ABERTURA	ABERTURA/ 3 MANCHETES/ 1 NOTÍCIA				
Comercial com voz masculina	Comercial com voz feminina	Patrocínio			
1º BLOCO ou BLOCO INICIAL	1º BLOCO ou BLOCO INICIAL (Mais curto que o tradicional, com inserção da fala do entrevistado)	Abertura do bloco com notícia importante para introduzir o ouvinte no noticiário.	LOCAL ESTADUAL REGIONAL NACIONAL GLOBAL	GERAL ECONOMIA POLÍTICA POLÍCIA ESPORTE EDUCAÇÃO	ORDEM CRESCENTE E/OU DECRESCENTE DE IMPORTÂNCIA, ALTERNADAMENTE
	Mais 2 MANCHETES				
	2º BLOCO ou BLOCO INTERMEDIÁRIO	→			
	MAIS 1 MANCHETE				
Comercial	Comercial	Patrocínio		COMPORTAMENTO	
BOLETIM DO TEMPO	BOLETIM DO TEMPO (Voz feminina)	Condições do tempo, pressão atmosférica, umidade relativa do ar, temperaturas(máx./mín.)			ORDEM CRESCENTE DE IMPORTÂNCIA ATÉ AS NOTÍCIAS PRINCIPAIS
2º BLOCO ou BLOCO FINAL	3º BLOCO ou BLOCO FINAL	Notícias MAIS importantes – de maior abrangência pública e anunciadas em manchete.			

ENCERRAMENTO	Despedidas, nome do noticiário, próxima edição.	
--------------	---	--

Fonte: capítulo A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e técnicos (KLÖCKNER). In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININI, Fabiana. (Org.). Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática. 1ª. ed.Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006, v. 1, p. 78-95.

Dos radiojornais e das radorrevistas, a síntese noticiosa passa a se modernizar, herdando desses, modos de edição múltiplos de classificação: similaridade de assunto (agrupamento por temas semelhantes), zonas geográficas (local, regional, nacional, mundial), divisão por editorias (geral, economia, política, etc.) e em fluxo de informação (em forma circular, repetida a certo intervalo de tempo) (FERRARETTO, 2014, p. 142), dependendo da habilidade do editor para chamar a atenção - inserindo chamadas de um bloco para o outro despertado o interesse da audiência – mantendo o ouvinte atento até o final do noticiário.

5. Cenários e perspectivas para a síntese noticiosa

Por que o modelo do Esso permanece apesar dos aplicativos de informação instantânea nos celulares? É uma das questões que junto com a sobrevivência da denominada grande mídia é tema permanente de debate. Outras são alinhadas por Olegário (2016) como, por exemplo: Será que a herança e a influência deixadas pelo Repórter Esso seguem atuais? Quem não se renova permanece? Os processos de alterações dos noticiários buscam romper paradigmas? Qual o conceito de síntese noticiosa no século XXI?

Percebe-se, preliminarmente, nestes últimos dez anos a redução do quadro funcional, rotinas afetadas pela digitalização dos processos jornalísticos e a convergência midiática, levando o radiojornalismo a novas metamorfoses. Nesse sentido recupera-se uma citação emblemática (BRECHT, in MEDITSCH, 2001, p. 40): “Um homem que tem algo para dizer e não encontra ouvintes está em situação ruim. Mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer”.

A mudança de comportamento no consumo de informação e a convergência de mídias traz à síntese noticiosa o desafio de se manter atual e atraente aos ouvintes. “A oferta de conteúdos satura a demanda. Nessa matéria, o problema principal das pessoas não é encontrar informação, mas obter a boa, a melhor informação”, sentencia Ramonet (p.137, 2012). Assim, quando se propõe a (re) pensá-la na organização deve se levar em conta os elementos-chave do produto informativo: apresentação, veiculação, edição, trilha musical,

ilustração, hierarquização das notícias, texto e duração. Todos os itens sofreram transformações ou inserções no modelo da síntese noticiosa nas últimas décadas.

Quadro 02 - Relação entre elementos-chave e modificações no modelo do Repórter Esso

Elementos-chave	Alterações no modelo
Apresentação	Mais de um apresentador; vozes femininas na locução das notícias; jornalistas à frente do microfone.
Veiculação	Alteração do número de edições aos finais de semana e dos horários das edições diárias;
Edição	Ampliação do número de blocos e editorias; Participação ao vivo ou gravada de repórteres.
Trilha musical	Atualização das trilhas.
Ilustração	Utilização de trechos de entrevista; Boletim com informações do tempo e do trânsito.
Hierarquização das notícias	Alternância em ordem de geográfica e econômica de importância e/ou interesse da audiência.
Texto	Linguagem coloquial, mais próxima ao ouvinte.
Duração	Entre cinco e dez minutos.

Fonte: Autores, 2016.

As adaptações do modelo fazem parte de um cenário de transformação social, econômica, cultural e tecnológica: da reorganização do mercado publicitário, da migração da AM para a FM, do consumo de notícias através de celulares e computadores, além da pulverização de ofertas de conteúdos em diferentes canais e plataformas.

Na virada para o século XXI, ao não se restringir mais apenas às transmissões hertzianas, o rádio precisou ser repensado conceitualmente. Uma mera descrição tecnológica passou a não servir mais – se é que um dia deu conta da complexidade do meio. Adota-se aqui uma visão que passa pela linguagem específica do rádio e, indo além assimila proposição baseada no meio como instituição social ou, mais adequando ainda, criação cultural. (FERRARETTO, 2014, p.17).

Sendo o rádio não condicionado própria e exclusivamente ao suporte, mas há uma linguagem específica, o papel da síntese noticiosa ganha novo fôlego porque ressalta e resgata características basilares do fazer jornalismo sonoro: agilidade, instantaneidade, credibilidade e referencialidade.

Até a década de 1990, o rádio caracterizou-se pela fugacidade do seu conteúdo, a situação em que, para o ouvinte, o som do instante atual deixa de existir no próximo instante, ao ser substituído por outro. Em outras palavras, consome-se a mensagem no mesmo momento de sua irradiação. A internet e tecnologias associadas a ela alteram essa realidade com a

disponibilização do *on-line* de material já transmitido ou mesmo pela produção exclusivamente voltada ao *podcasting*. A regra geral, no entanto, ainda é pensar a mensagem considerando a alta fugacidade do sonoro. (FERRARETTO, 2014, p.36).

Pela lógica da aceleração dos processos e de um fetiche da velocidade¹⁰ disseminado pelos veículos de comunicação e replicado pelo público, o desafio maior à audiência da síntese noticiosa parece ser o tempo de duração. Em um horizonte de ‘pressa’ constante, é oportuno repensar a dimensão temporal do produto para cinco minutos sob pena de não conquistar a compreensão e a atenção dos ouvintes, principalmente os nativos digitais, que têm no fluxo e no ritmo indicadores de qualidade das produções audiovisuais tanto de informação quanto de entretenimento – porque para eles muitas vezes os espaços não são nítidos – e talvez aí esteja mais um legado da síntese noticiosa: definir fronteiras. Outro caminho na renovação do modelo é o diálogo multimídia a partir da presença da emissora/programa em diferentes mídias digitais.

A convergência, como podemos ver, é tanto um processo corporativo, de cima para baixo, quanto um processo de consumidor, de baixo para cima. A convergência corporativa coexiste com a convergência alternativa. Empresas de mídia estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo de mídia pelos canais de distribuição para aumentar as oportunidades de lucros e, ampliar mercados e consolidar seus compromissos com o público. (JENKINS, 2009, p.46).

A partir de uma observação sistêmica da presença na internet de seis emissoras de rádio informativo em diferentes regiões do país e que mantém o modelo da síntese noticiosa na grade de programação verifica-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido. “É tempo de pensar o radiojornalismo para além de sua concepção tradicional, considerando as especificidades de suporte que criam uma nova narrativa para o rádio”, aponta Lopez et al (2012, p.202). Todas as emissoras oferecem aos ouvintes a possibilidade de acompanhar a programação em tempo real. Por outro lado, menos de 40% delas disponibiliza o conteúdo digital da síntese noticiosa para consumo do ouvinte, dentro de um modelo de *podcast*, ou até mesmo a complementação da notícia apresentada no programa com texto, fotos, vídeos e hiperlinks. Quando se analisa a presença de *fanpage* no *Facebook* e conta no *Twitter*, percebe-se que as sínteses noticiosas das emissoras não estão presentes, conforme o quadro 03 abaixo. Há apenas a presença de páginas e contas das próprias emissoras, restringindo a possibilidade de identificação e interação do ouvinte com o programa.

¹⁰ Paul Virilio, em *A Arte do Motor*, sustenta que a velocidade é a própria informação. (São Paulo: Estação Liberdade, 1996).

Quadro 03 - Presença da síntese noticiosa na internet e disponibilidade de acesso conteúdo digital

Síntese Noticiosa / Emissora	Site	Fanpage	Twitter
O Globo no Ar (Rádio Globo/RJ)	Não tem espaço específico no site; Tem arquivo disponível;	Possui página da emissora; Não possui página do programa;	Possui conta da emissora; Não possui conta do programa;
Repórter CBN (Rádio CBN/RJ-SP)	Não tem espaço específico no site; Não possui arquivo disponível;	Possui página da emissora; Não possui página do programa;	Possui conta da emissora; Não possui conta do programa;
Nacional Informa (Rádio Nacional/DF-RJ-AM)	Tem espaço específico no site; Não tem arquivo disponível;	Possui página da emissora; Não possui página do programa;	Possui conta da emissora (desatualizada); Não possui conta do programa;
Repórter Itatiaia (Rádio Itatiaia/MG)	Tem espaço específico no site; Não tem arquivo disponível;	Possui página da emissora; Não possui página do programa;	Possui conta da emissora; Não possui conta do programa;
Correspondente Guaíba-Badesul (Rádio Guaíba/RS)	Tem espaço específico no site; Tem arquivo disponível;	Possui página da emissora; Não possui página do programa;	Possui conta da emissora; Não possui conta do programa;
Correspondente Ipiranga (Rádio Gaúcha/RS)	Tem espaço específico no site; Tem arquivo disponível;	Possui página da emissora; Não possui página do programa;	Possui conta da emissora; Não possui conta do programa;

Fonte: Autores, 2016.

Desse modo, o comportamento da audiência e a migração de plataforma para consumo de conteúdo reforça a importância de uma presença mais sólida do radiojornalismo na *web*.

A tecnologia que afeta a produção, transmissão e consumo de conteúdo radiofônico leva os jornalistas a uma nova condição: repensar e rediscutir o radiojornalismo, seus fazeres e suas linguagens. São processos que não podem ser considerados de maneira isolada, e que prescindem desta relação por se afetarem mutuamente. (LOPEZ et al, 2012, p.202)

Os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, apontam que o rádio permanece como o segundo meio de comunicação mais consumido, ficando atrás da televisão. O número de domicílios com aparelhos de rádio caiu de 80,7% em 2012, para 72,1% em 2014. Em comparação a 2014, a pesquisa assinala que o uso do rádio tradicional caiu de 61% para 55%. Por outro lado, 8% dos entrevistados disseram ouvir rádio no celular ou no carro e 4% ouvem em outros receptores, como o computador. Segundo o IBGE, 48% dos domicílios do país tinham acesso à internet em 2013. Um ano depois: 54,9%, conforme dados do

suplemento de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014. Números que revelam um fenômeno em curso, com o crescimento do acesso à internet na vida das pessoas, alterando hábitos e, também, consumo de informação. Ferraretto (p.944-945, 2014) acrescenta que o rádio não oferece “apenas informação; fornece certo grau de emoção, de sentimento, de uma ideia de pertença e de proximidade”, estabelecendo uma relação estreita entre a emissora, o comunicador e a audiência: “dirige-se a todos os ouvintes se falasse para cada um em particular”.

No caso da síntese noticiosa, e do próprio O Repórter Esso, esses vínculos se formaram e estão presentes até hoje. Além disso, o modelo radiofônico migrou para a televisão e para a própria internet. Está no *whatts* e no *twitter*. Este último que, com seus 140 caracteres, equivale às primeiras frases de uma notícia ou à manchete, que é o lide do rádio. Com um formato inovador, implementou o conceito de síntese noticiosa (texto sucinto, direto e vibrante). Outra característica foi a pontualidade e o ar de imparcialidade, que por vezes inexistiu na prática. Mas é inegável que, a partir dessa estrutura, foram revisadas as rotinas de produção da notícia, surgiram boletins informativos semelhantes em emissoras pelo País, e departamentos foram criados especificamente para a produção desse tipo de noticioso.

Considerações finais

Nos anos 1950, o sucesso do rádio migrou para a televisão e O Seu Repórter Esso estreou (1952-1970). Era transmitido no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, Salvador e Vitória. Os mesmos motivos que determinaram o término do Esso no rádio foram os responsáveis pelo fim na televisão. Entre eles estavam certo abalo na credibilidade do programa, os elevados custos para mantê-lo no ar e a missão política do noticioso que havia se cumprido. Conforme a empresa, a concorrente direta, a Shell, com muito menos recursos conseguia atingir um público maior, utilizando ídolos da música brasileira numa campanha que mobilizou o País e marcou época.

Apesar de incertezas que possam rondar o futuro do produto sonoro informativo mais importante do século XX, ainda no século XXI, a síntese noticiosa traz consigo o legado de levar aos ouvintes o que de mais importante aconteceu em um intervalo de tempo. Serve como reforço das informações divulgadas pelas redes sociais e dadas ao vivo pelos repórteres, porém legitimadas pelo carimbo da apuração mais profunda, da veracidade e da relevância. Opera ainda com a função de memória, pois as principais notícias de um

determinando intervalo de tempo estão reunidas em um único instante para que o ouvinte possa se informar (ou ouvir depois ou novamente na página das emissoras que os armazenem nos sites).

Por óbvio, é um modelo de curadoria de conteúdo jornalístico que, nos próximos anos, merecerá novos estudos e levantamentos, tanto para aferir com precisão a audiência como para determinar a frequência (número de edições) nas programações. Entretanto, por certo, a síntese noticiosa, ao estilo O Repórter Esso, é um modelo que permanece, pois não é coincidência que completou 75 anos de Brasil e as principais emissoras jornalísticas do País não abdicaram dele.

6. Referências

- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica – volume 1 – história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. **Jornal, História e Técnica - volume 2 – técnica**. São Paulo: Ática, 1990.
- CASSOL, Ivone Maria. Prêmio Esso e as Transformações da Reportagem - uma reflexão sobre a reportagem e o jornalismo impresso nos últimos 40 anos. Dissertação de mestrado defendida em 1997. Orientação: profa. Dr. Doris Fagundes Haussen. Porto Alegre: Famescos/PUCRS.
- COPELAND, W. Winston. **Manual Radionoticioso de la United Press em America Latina**. Buenos Aires, United Press Associations, 1944.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- _____. Estruturação da mercadoria das emissoras comerciais sob a convergência: apontamentos para uma economia política da comunicação. In.: Revista Famescos – Mídia, Cultura e Tecnologia. Porto Alegre, v 21, nº 3, p. 943-965, set-dez 2014.
- GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- IBOPE. Pesquisas Especiais. 1948. v. 7, p. 367, Arquivo Edgar Levenroth-Unicamp.
- _____. Serviço de Rádio. Pesquisa de Audiência, agosto de 1950. Arquivo Edgar Levenroth-Unicamp.
- _____. Pesquisas Especiais. Pesquisa 18. 1952, p. 18, Arquivo Edgar Levenroth-Unicamp.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Suzana Alexandria. 2ª Edição. São Paulo: Aleph, 2009.
- KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: AGE-EDIPUCRS, 2011.
- _____. A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e técnicos (KLÖCKNER). In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININI, Fabiana. (Org.). **Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática**. 1ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006, v. 1, p. 78-95.
- LIMA, Zita de Andrade. **Os princípios e técnicas de radiojornalismo**. Brasília/DF: Instituto de Ciências da Informação, v. 5, nº 1, ano VI, nº 13, Revista Comunicações e Problemas, 1970.
- LOPEZ, Débora et al. Rádio em bits: um panorama da presença das emissoras de Porto Alegre na Internet. In: DEL BIANCO, Nélia (org). **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. São Paulo: Intercom, 2012.
- MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, UFSC, 2001.
- OLEGÁRIO, Leandro. **Radiojornalismo e Síntese Noticiosa**. Porto Alegre: Metamorfose, 2016.
- ORTRIWANO, Gisela S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.
- RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo**. Das mídias de massa à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.